
Resolução Política da DN de 7 de abril de 2013

10-Abr-2013

A Crise Europeia

1. Â Â Â

A crise que em 2007 varreu os mercados financeiros a partir dos EUA foi identificada como a primeira crise global do capitalismo, capaz de destruir de uma assentada uma imensa massa de capital e de abalar profundamente a crença na infalibilidade dos mercados, mandamento primeiro da ideologia neoliberal professada pela burguesia.

(...) 23.Â A Direção

Nacional regista a receção do e-mail enviado pelos promotores da Plataforma Socialismo aos membros da UDP da Comissão Política, em que clarificam a recusa da Plataforma em aceitar a participação de membros da UDP.

A Crise Europeia

1.Â Â Â

A crise que em 2007 varreu os mercados financeiros a partir dos EUA foi identificada como a primeira crise global do capitalismo, capaz de destruir de uma assentada uma imensa massa de capital e de abalar profundamente a crença na infalibilidade dos mercados, mandamento primeiro da ideologia neoliberal professada pela burguesia.

2.Â Â Â

Assistimos, na sequência deste sismo financeiro, a um deslocamento das placas tectónicas da ordem mundial existente. A globalização, identificada com a hegemonia do consenso neoliberal da era pós queda do Muro de Berlim não pode indiferente às consequências da crise.

3.Â Â Â

A enorme destruição e reorganização financeira provocada pela crise desenhou uma nova estratégia de ataque ao trabalho. A recuperação do capital à intensificação da exploração. O ataque ao salário e ao Estado Social europeus, as tendências nacionalistas e conservadoras da direita que na Europa reforçam as forças da desintegração, o papel ativo dos Estados na salvaguarda dos mercados financeiros, o sequestro da democracia pelos planos de austeridade, a própria austeridade enquanto travão ao crescimento das economias periféricas e plano de empobrecimento deliberado são pontos unidos por uma linha que separa a velha ordem de uma nova, que nascerá a partir da instabilidade e da indefinição que hoje caracterizam o sistema capitalista.

4. Â Â Â

Nada ficou igual, nem mesmo no centro do impÃ©rio.

Os EUA enfrentam hoje o aumento do desemprego e o esfriar do crescimento econÃ³mico. O declÃ­nio dos EUA enquanto potÃªncia econÃ³mica dÃ¡-se no quadro do imperialismo global, alterando a sua relaÃ§Ã£o de forÃ§as com outras economias com altas taxas de crescimento e, no caso da China, com grandes reservas de dÃ­vida norte-americana, ou seja, de dÃ³lares.

5. Â Â Â

Essa agonia tornou a crise mais dolorosa e

particularmente violenta no velho continente, jÃ¡ identificado como o elo fraco do imperialismo. A Europa foi mesmo o alvo preferencial do ataque do capital.

Aqui se dÃ©o as grandes transformaÃ§Ãµes da estrutura social e econÃ³mica que a austeridade impÃµe. A partir da Europa (da sua periferia) dÃ¡-se a maior

transferÃªncia do trabalho para o capital que alimenta a recuperaÃ§Ã£o dos mercados financeiros, e nem as economias mais fortes ficam imunes Ã espiral recessiva.

Em FranÃ§a, a promessa de Hollande ficou por isso mesmo e a austeridade jÃ¡ se faz sentir, e mesmo na Alemanha o crescimento abrandou.

6. Â Â Â

A principal contradiÃ§Ã£o na Europa e, mais

concretamente, na UniÃ£o Europeia, dÃ¡-se entre as tendÃªncias para a desintegraÃ§Ã£o alimentadas por forÃ§as conservadoras/nacionais e o crescente autoritarismo

federal-institucional que joga a Europa contra si mesma. Perante a desagregaÃ§Ã£o evidente, o que resta da vaga social-liberal europeia empurra para o

federalismo como a fuga cega para a frente.

7. Â Â Â

A crise europeia Ã© a crise do capitalismo, mas Ã©

tambÃ©m consequÃªncia de uma onda populista/ultra-nacionalista emergente. A

Hungria Ã© bom exemplo de como a direita conservadora ganha terreno numa Europa marcada pelo desemprego e pela violÃªncia da crise. Mas tambÃ©m a Inglaterra

marca o ritmo do eurocepticismo.

8. Â Â Â

O euro ficou novamente na linha de fogo com o

ataque aos depÃ³sitos no Chipre. Sendo evidente que o euro Ã© uma moeda com uma arquitetura incompleta, Ã© tambÃ©m incontornÃ¡vel que fazer dessas incongruÃªncias

as razÃµes da crise Ã© nÃ£o compreender o carÃ¡cter sistÃ©mico da crise que atravessamos. O sistema financeiro continua mergulhado em imparidades e os

bancos ainda clamam pela salvaÃ§Ã£o, exigindo o sacrifÃ­cio dos povos no altar da austeridade.

9. Â Â Â

A â€œsoluÃ§Ã£oâ€• encontrada para Chipre pÃµe a nÃ³ uma

austeridade que nÃ£o tem qualquer lealdade aos princÃ­pios neoliberais. O caso de Chipre serÃ¡ mais um passo de gigante na concentraÃ§Ã£o de capital no centro da

Europa.

10. A

A disputa geopolítica da região tem também um papel relevante neste desfecho. Os interesses da União Europeia, da Rússia e da Turquia, jogam-se sobre um território onde foi recentemente descoberto gás natural e petróleo, para além da evidente importância geográfica. A troika procura ter sobre Chipre um plano de dominação que retire influência russa e que garanta a acumulação com os recursos naturais. O modelo imperialista da União Europeia, sob a batuta alemã, tem aqui a sua materialização.

11. O

O porta-voz do Eurogrupo anunciou que este seria o novo modelo de resgate para o futuro, para, minutos depois, se desdizer. Mas, tal deixa claro que na União Europeia é cada um por si e todos pelo centro da Europa, particularmente pela Alemanha. Mesmo que isso fragilize o euro. Afinal, o capital europeu utiliza a moeda única como chantagem sobre os povos para justificar a austeridade, mas especula contra própria moeda se isso significar mais acumulação. A resposta da esquerda europeia assentará na defesa de um projeto de cooperação entre os povos, sob o mote da solidariedade.

12. A

A troika tem marcado, e bem, a fronteira da luta política da esquerda. Enfrentar a troika é enfrentar cara-a-cara os especuladores e os ideólogos da austeridade. E se é verdade que o memorando não está em vigor para sempre, também é certo que, na sua ausência, o tratado orçamental assinado e defendido pelo PS, PSD e CDS garantem a austeridade permanente com a sua regra de ouro. Fica clara a alternativa do PS: federalismo europeu para austeridade sem fim.

13. Perante

Perante este quadro, é evidente que a esquerda precisa de uma resposta forte. Em Portugal, como na Grécia e noutros países europeus, a esquerda socialista luta por uma maioria social que dê força a governos que rompam o ciclo recessivo da dívida, pela recusa dos memorandos de austeridade (ou regras de ouro) e pela renegociação (e anulação parcial) de juros, montantes e prazos. O controlo público do crédito e de sectores estratégicos, as políticas de investimento público e de industrialização, a reposição dos salários e pensões e dos direitos roubados, a defesa intransigente de instrumentos europeus de financiamento (como eurobonds e alteração do BCE) e de democracia à escala europeia constituem os programas máximos dos partidos da matriz do Bloco da Esquerda.

14. Os

Os tempos são de indefinição e de grande complexidade. A instabilidade governativa (agravada pela inconstitucionalidade do orçamento) não significa que a queda do governo esteja ao alcance de um empurrão. A demissão do Governo e a realização de eleições são uma urgência expressa na justa reivindicação de todos quantos se opõem à direita. Mas o apoio popular a uma alternativa anti-austeritária também não será automático.

15.Â Nas

lutas e protestos populares, os movimentos sociais, mais ou menos orgÃnicos, sindicais e de diversa natureza, tÃam um papel importante. Na vertente internacional, o Forum Social Mundial 2013, realizado na TunÃsia, entre 26 e 30 de marÃço, sublinhou o papel central da dÃvida no ataque aos povos. A articulaÃ§Ã£o das resistÃncias internacionais Ã© uma dimensÃo necessÃria neste combate Ã austeridade.

16.Â A

era da austeridade teve na rua a resposta de milhÃes. Em Portugal, as maiores manifestaÃ§Ães da democracia cantaram o GrÃndola contra uma polÃtica que clama por vinganÃsa das conquistas de Abril. Todos os dias, a um ritmo de oito manifestaÃ§Ães por dia, sindicatos e movimentos populares protestam contra o Governo e a aplicaÃ§Ã£o de medidas de austeridade. Em diversas iniciativas e com motivaÃ§Ães variadas, movimentos sociais, partidos e personalidades dÃo ampla geometria Ã oposiÃ§Ã£o tendo em comum a defesa do Estado Social e o combate ao governo da direita.

17.Â A

busca de caminhos alternativos Ã© expressÃo dos tempos que correm. Nem todos vÃo desaguar Ã democracia nos termos em que a esquerda socialista a concebe: anti-dogmÃtica, transparente, livre e participada, recusando populismos e personalismos. Mas o debate sobre a democracia estÃ lanÃsado e Ã© necessÃrio fazÃ-lo.

18.Â A

imposiÃ§Ã£o de governos tecnocratas, o sucessivo rasgar de programas eleitorais, a crescente promiscuidade entre interesse pÃblico e privado, a aplicaÃ§Ã£o de programas de austeridade acima das constituiÃ§Ães e dos mandatos populares, a consciÃncia de que a legitimidade da austeridade vem dos mercados financeiros e nÃo da soberania popular, a cegueira quanto Ã s consequÃncias sociais da austeridade provam que a austeridade nÃo Ã© compatÃvel com a democracia.

19.Â A

esquerda, e o Bloco em particular, enfrenta grandes desafios no futuro prÃximo. O primeiro Ã© dar corpo a uma alternativa de futuro. A renegociaÃ§Ã£o da dÃvida e a recusa do memorando sÃo as palavras de ordem que marcam o nosso campo. Torna-se necessÃrio reforÃsa-las com um projeto alternativo de sociedade, mobilizador para os milhÃes que protestam. Mais do que um programa anti-austeritÃrio, a esquerda tem de ter firmeza sobre as fronteiras do seu programa.

20.Â A

construÃ§Ã£o dessa alternativa passa por reforÃsar o Bloco como um partido de massas, cuja identidade afirma um projeto socialista pela transformaÃ§Ã£o social, autÃnomo, em que as respostas polÃticas nÃo se confundem com as PS nem com as do PCP; mas tambÃm por repensar e desenvolver instrumentos de mobilizaÃ§Ã£o social, de enraizamento popular, de reforÃso dos movimentos sociais, de organizaÃ§Ã£o coletiva, que possam dar continuidade e consistÃncia Ã indignaÃ§Ã£o que ganha forÃsa nas ruas. Nenhuma luta pode ficar para trÃs.

21.Â Um

dos grandes desafios passa por encontrar na democracia e na cidadania um instrumento estratégico de construção da alternativa. A crise contribuiu para aumentar a desconfiança geral sobre as instituições do poder e mesmo sobre os partidos.Â Muitas vezes, na reivindicação democrática o "sistema capitalista" é confundido com o "sistema democrático", gerando respostas que seguem caminhos entre o individualismo e o populismo. Nas organizações de esquerda como na sociedade, novas formas de participação, maior transparência, novas ferramentas de expressão cidadã são parte da resposta para a esquerda que quer construir a alternativa e disputar maiorias

22.Â Nos

próximos meses, a UDP lançará um amplo debate sobre a crise do capitalismo, as suas consequências e as soluções da esquerda, aprofundando e ampliando os temas desta resolução. O objetivo é envolver nesta reflexão toda a organização e muitos militantes do Bloco que queiram a fazer conosco. Esse debate terá como protagonista A Comuna, através da publicação de textos e da realização de debates/conferências abertos com a participação de convidados, e terá conclusão na conferência nacional da UDP, a realizar depois das eleições autárquicas, tendo como tema principal "a crise europeia".

23.Â A Direção

Nacional regista a receção do e-mail enviado pelos promotores da Plataforma Socialismo aos membros da UDP da Comissão Política, em que clarificam a recusa da Plataforma em aceitar a participação de membros da UDP.

Â

A Direção
Nacional da UDP

Lisboa,
07 abril de 2013